

**ADVÉRBIOS MODALIZADORES EM *-MENTE*: UMA DESCRIÇÃO DE
PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS**

Gessilene Silveira Kanthack¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma descrição de propriedades sintático-semânticas dos advérbios modalizadores em *-mente*, particularmente aqueles que ocorrem às margens das sentenças (inicial e final). Num *corpus* constituído por entrevistas veiculadas nas páginas amarelas da revista VEJA, e com base em Castilho; Castilho (1993), Neves (2000), Ilari (2007), foi observado que esse tipo de advérbio assume diferentes valores semânticos e apresenta um estatuto sintático variável, com incidência sobre a própria sentença (advérbio sentencial) ou sobre constituintes específicos (advérbio de constituinte).

PALAVRAS-CHAVE: advérbios em *-mente*; sintaxe; semântica.

ABSTRACT: The objective of this paper is to present a description of syntactic and semantic properties of modal adverbs in *-ly*, especially those that occur on the margins of the sentences (beginning and end). In a corpus constituted of interviews of the yellow pages of VEJA, and based on Castilho, Castilho (1993), Neves (2000), Ilari (2007), it was observed that this type of adverb has different semantic values and a varied syntactic statute, with incidence on the sentence (sentence adverb) or on specific constituents (constituent adverb).

KEYWORDS: adverbs in-*ly*; syntax; semantics.

Introdução

Tradicionalmente, os advérbios são descritos como elementos que têm a propriedade de modificar outros com os quais formam unidades na sentença. Basicamente, as descrições tradicionais apontam que o advérbio pode ser um modificador do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. Nessa perspectiva, o pressuposto básico é que o advérbio apresenta um escopo (domínio) restrito, pois altera o sentido de uma categoria sintática específica.²

Todavia, o uso prático de advérbios evidencia que esses elementos não apresentam comportamentos homogêneos, tanto no que se refere ao seu posicionamento numa sentença quanto às suas propriedades semânticas, colocando em xeque o pressuposto básico tradicional. A fim de destacar isso, elegemos como objeto de investigação o advérbio modalizador terminado com o sufixo *-mente*. A partir de um *corpus* constituído por

¹ Doutora em Linguística; Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz - Ilhéus-BA. E-mail: kanthack1@uol.com.br

² Entende-se, por escopo, “o conjunto de conteúdos afetados por algum operador” (ILARI, 2007, p. 163). Nesse sentido, o operador é o próprio advérbio, e os conteúdos são aqueles elementos com os quais o advérbio forma unidade.

entrevistas veiculadas nas páginas amarelas da revista VEJA, analisamos, particularmente, as situações em que tal advérbio ocorre às margens das sentenças (inicial e final). Com a amostra prática, esperamos contribuir com os estudos de descrição que contemplem a categoria “advérbios”.

O advérbio: da perspectiva tradicional à linguística

Na descrição tradicional, normalmente, as definições apresentadas ao advérbio lhe imprimem uma certa homogeneidade. Basicamente, ele é descrito como um elemento que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Nas palavras de Said Ali (1964, p. 183), “é o vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio”; nas de Cegalla (2005, p. 259), “é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”; nas de Cunha e Cintra (1985, p. 529) “é, fundamentalmente, um modificador do verbo”. Os exemplos, abaixo, ilustram esse conceito básico:

- (01) Maria *compreendeu* **bem** o assunto.
- (02) O garoto ficou **muito** *triste*.
- (03) O homem caminhava **provavelmente** *devagar*.

Em 01, o advérbio modifica o verbo “compreendeu” (sendo a etimologia da própria palavra um reflexo dessa propriedade: *ad verbum* - adjunto do verbo); em 02, o adjetivo “triste”; e em 03, o advérbio “devagar”. Na perspectiva tradicional, esses advérbios, dadas as circunstâncias que expressam, são classificados como sendo de *modo*, *intensidade* e *dúvida*, respectivamente. Além desses, temos: advérbios de *afirmação*, *negação*, *lugar*, *tempo*, *ordem* etc, que, na sentença, desempenham a função de adjunto adverbial. Isso é confirmado, por exemplo, por Bechara (1999, p. 287): “Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

Nesse tipo de descrição, notamos a mistura de dois critérios: o *sintático* e o *semântico*.³ O primeiro se aplica quando se pressupõe que o advérbio deve modificar um

³ Em algumas definições, o critério *morfológico* também está presente, quando postulam que o advérbio é uma palavra invariável. No entanto, é possível encontrar advérbios flexionados em gênero e número, como atestam os

elemento sintático específico (verbo, adjetivo e advérbio); o segundo, quando se afirma que ele modifica/altera o sentido da palavra/unidade com a qual se relaciona sintaticamente. O critério semântico também se aplica quando se caracteriza o advérbio pelas circunstâncias que expressa. Essa propriedade, no entanto, nem sempre se confirma. Vejamos os dados abaixo (ILARI, 2007, p. 155-156):

- (04) **Realmente**, deve ser maravilhoso ter uma família grande.
- (05) **Diariamente** (...) eles chegam atrasados.
- (06) **Humanamente**, é impossível fazer tanto processo ao mesmo tempo.

Em 04, “realmente” expressa a opinião/expectativa do falante em relação à ideia de se ter família grande; em 05, “diariamente” indica a frequência com que reitera o evento; em 06, “humanamente” limita o ponto de vista do qual pode ser considerada correta a afirmação: é do ponto de vista humano e não de qualquer outro. Ou seja, em nenhum desses casos, os advérbios denotam circunstância, invalidando, assim, o pressuposto da gramática tradicional.

Apesar de, na descrição tradicional, os critérios sintáticos e semânticos permanecerem como referência válida no tratamento dado aos advérbios, Ilari (2007) argumenta que os efeitos de sua aplicação são claros e não contraditórios para apenas um pequeno número de casos. E acrescenta:

Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que eles levam a classificações conflitantes; e às dificuldades de aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconsequente, pelo hábito de enquadrar entre os advérbios uma quantidade enorme de *palavras* que apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem àqueles critérios. Tratar do ‘advérbio’ é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões (ILARI, 2007, p. 152).

exemplos de Neves (2000, p. 234): *é que ela tá **meia** doente (...); **agorinha** mesmo; os castigos vinham **depressinha**; o povo esquece **loguinho***. Para Costa e Costa (2001, p. 17), o critério morfológico deve ser considerado apenas para lembrar que “os advérbios não formam uma classe morfológicamente homogênea”, dadas as diferentes formas que a língua disponibiliza para exercer a função de advérbio. Ao contrário de uma classe como a de verbos, por exemplo, que é possível reconhecê-la pelas suas propriedades morfológicas (tempo, pessoa e número), a classe dos advérbios não apresenta propriedades regulares que permitam identificá-la, com exceção apenas dos advérbios terminados em *-mente*.

Esse autor defende que, dentre as classes apresentadas pela gramática, a dos advérbios é a que tem a descrição mais insatisfatória. Pensamento semelhante também apresenta Perini (1996, p. 342): “a taxonomia dos chamados ‘advérbios’ é uma das grandes áreas inexploradas da gramática portuguesa”.

Vale ressaltar, no entanto, que, na perspectiva da linguística, vários trabalhos já se voltaram para a classe dos advérbios. Dentre os pioneiros, destacam-se Jackendoff (1972) e Bellert (1977), que, a partir de uma perspectiva sintático-semântica, procuraram dar conta da distribuição desses elementos nas sentenças, bem como classificá-los em subclasses específicas.⁴ A partir de seus fundamentos básicos, autores como Ilari *et al* (1990), Castilho; Castilho (1993), Neves (2000), Ilari (2007), entre outros, já procuraram explicar o comportamento de diferentes advérbios no português falado no Brasil. Nesses estudos, os advérbios são analisados e classificados, basicamente, a partir de dois eixos: o sintático e o semântico.

O primeiro eixo implica reconhecer os advérbios que figuram num âmbito inferior à sentença, chamados de *Advérbios de Constituinte*, e os advérbios que figuram num âmbito igual ou superior à sentença, denominados de *Advérbios Sentenciais*.⁵ Para esse reconhecimento, os autores adotam a noção de escopo, que, segundo Ilari (2007), é definido como o conjunto de conteúdos afetados por um operador, que, no caso específico, é o advérbio.

O eixo semântico, por sua vez, implica reconhecer as funções dos advérbios; se são capazes de predicar ou não. São predicativos os advérbios que alteram/modificam o sentido de um dado constituinte. Já sobre os não-predicativos “não cabe falar em ‘modificação de sentido’” (ILARI (2007, p. 159). Para Neves (2000), esses advérbios são chamados de modificadores e não-modificadores, respectivamente.

Segundo a autora, os modificadores “são advérbios que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos, isto é, modificando-os” (NEVES, 2000, p. 236). Eles são subclassificados em:

⁴ Jackendoff (1972) correlacionou posição a regras de interpretação semântica e propôs a seguinte classificação: *advérbios de modo*, relacionados aos verbos; *advérbios orientados para o sujeito*; *advérbios orientados para o falante*. Bellert (1977), por sua vez, revisa a classe dos advérbios orientados para o falante e propõe um desdobramento em quatro subclasses: *advérbios de avaliação*, *modais*, *de domínio* e *pragmáticos*.

⁵ Além desses dois tipos de advérbios, vale lembrar que há também aqueles que “ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também da sentença” (ILARI, 2007, p. 156), denominados de *advérbios de discurso*.

advérbios de modo (ou qualificadores), *advérbios de intensidade* (ou intensificadores) e *advérbios modalizadores*.

Quanto aos não-modificadores, “são advérbios que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem” (NEVES, 2000, p. 238). São eles: *advérbios de afirmação* e *negação* (“que operam sobre o valor de verdade da oração” (NEVES, 2000, p. 238)); *advérbios circunstanciais* (de lugar e de tempo); de *inclusão*; de *exclusão*; de *verificação* (“que não operam sobre o valor de verdade da oração” (NEVES, 2000, p. 239)); advérbios juntivos (“que operam conjunção de orações (...) indicando contraste (...) indicando *conclusão*” (NEVES, 2000, p. 241)).

O advérbio modalizador: um recorte necessário

Para fins práticos da pesquisa, consideramos a noção de advérbio modalizador conforme descrição apresentada por Neves (2000). Segundo ela, advérbios modalizadores são elementos que servem para “expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado” (NEVES, 2000, p. 244). São usados como estratégias para marcar a atitude do falante em relação ao que ele próprio diz. Esses advérbios são subclassificados em: *epistêmicos*, *delimitadores*, *deônticos* e *afetivos*.

Os *modalizadores epistêmicos* “expressam uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante. O que se avalia é o valor de verdade do que é dito no enunciado” (NEVES, 2000, p. 245). Segundo essa autora, esses advérbios são de natureza asseverativa, podendo essa propriedade ser *afirmativa* (quando “o conteúdo do que se afirma ou do que se nega é apresentado pelo falante como um fato, como fora de dúvida” (NEVES, 2000, p. 245)), *negativa* (quando “o conteúdo do que se diz é apresentado pelo falante como indubitavelmente não-factual” (NEVES, 2000, p. 247)) ou *relativa* (quando “o conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável ou improvável” (NEVES, 2000, p. 247)).

Os *modalizadores delimitadores* “não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações e das negações” (NEVES, 2000, p. 250). A delimitação pode ser expressa a partir da perspectiva do falante ou de um domínio de conhecimento, indicando generalização ou restrição.

Os *modalizadores deônticos* servem para expressar que “o enunciado é apresentado pelo falante como algo que deve ocorrer, necessariamente, dada uma obrigação que alguém tem” (NEVES, 2000, p. 252).

Os *modalizadores afetivos* são usados pelo falante quando quer exprimir reação emotiva, (...) manifestar “disposição de espírito em relação ao que é afirmado ou negado” (NEVES, 2000, p. 253). A manifestação pode ser *subjetiva* (quando envolve emoções ou sentimentos do falante) ou *intersubjetiva, interpessoal* (quando envolve sentimento caracterizado pelas relações entre falante e ouvinte).

Dentre os advérbios usados para indicar modalização, estão aqueles terminados pelo sufixo *-mente*, considerados como um importante recurso linguístico por meio do qual o falante pode expressar “seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade, ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo” (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p. 217). E, ao selecioná-lo como recurso, visando a atender objetivos específicos das situações comunicativas, o falante pode colocá-lo em diferentes posições na sentença (periféricas - inicial e final - e não-periféricas - medial), o que demonstra certa mobilidade de posicionamento desse tipo de advérbio. Uma vez escolhida a posição, o advérbio poderá atuar sobre diferentes constituintes sintáticos, inclusive ultrapassar os limites da sentença.

Advérbios modalizadores em *-mente* no gênero “entrevista”: descrição e análise

No intuito de descrever e analisar propriedades que caracterizam o comportamento de advérbios modalizadores terminados em *-mente*, elegemos o gênero “entrevista”, por entender que, nele, é comum o falante emitir julgamentos sobre os conteúdos verbalizados. Para a investigação, selecionamos oito entrevistas veiculadas nas páginas amarelas da revista VEJA (ano de 2010, meses de setembro e outubro), de onde coletamos os dados que foram analisados conforme os seguintes objetivos: identificar os tipos e a frequência de uso dos modalizadores em *-mente*, particularmente aqueles que ocorrem às margens da sentença; verificar a influência de fatores sintáticos no uso desses advérbios.

Adotando a classificação de Neves (2000), ilustramos, a seguir, os tipos de advérbios analisados:

• *Epistêmicos:*

(10) Quando acusadas de tráfico de influência, advocacia administrativa, superfaturamento ou sobrepreço, defendem-se na pessoa física usando o cargo. **Obviamente**, está errado.

(11) Se produzirmos um alimento resistente à seca, por exemplo, **seguramente** estaremos fazendo um favor à humanidade em tempos de aquecimento global.

• *Delimitadores:*

(12) Ahmadinejad é o líder de um regime teocrático, violento e isolado **internacionalmente**.

(13) Mas sei da existência de certos grupos na universidade que, **tradicionalmente**, não vêem com bons olhos nenhuma iniciativa baseada no mérito para avaliar a produtividade.

• *Afetivos:*

(14) **Curiosamente**, são aqueles que se dizem mais conhecedores do sofrimento dos brasileiros menos favorecidos os primeiros a agitar a bandeira do ensino superior gratuito para todos.

(15) Claro que, **infelizmente**, num lugar com as especificidades do Rio de Janeiro, ainda é preciso que parte da tropa trabalhe munida de fuzis.

Abaixo, apresentamos o cômputo geral desses advérbios:

Tabela 1: Cômputo geral das ocorrências dos modalizadores em *-mente*

Epistêmicos	Delimitadores	Afetivos
%	%	%
63	18,5	18,5

Com exceção do modalizador deôntico, que não houve ocorrência, três tipos de modalizadores foram encontrados no *corpus* analisado, revelando que os falantes usam os advérbios em *-mente* com diferentes funções semânticas. Esse quadro evidencia que a proposta tradicional de classificar os advérbios em *-mente*, normalmente como sendo de modo, é muito simplista. Ela não dá conta das nuances semânticas que um advérbio desse tipo pode expressar.

Dos três tipos de advérbios modalizadores, o mais recorrente foi o epistêmico (63%); os outros dois tiveram a mesma frequência: 18,5%. Esses percentuais indicam que os advérbios em *-mente* possibilitam ao falante expressar diferentes avaliações sobre o que ele próprio enuncia. Em 10 e 11, “obviamente” e “seguramente” expressam uma alta adesão do falante em relação ao que diz. Em 12 e 13, “internacionalmente” e “tradicionalmente” demarcam os limites dentro dos quais o constituinte (12) e a sentença (13) devem ser interpretados: do ponto de vista internacional; do ponto de vista tradicional. Em 14 e 15, “curiosamente” e “infelizmente” verbalizam as reações emotivas do falante frente ao que enuncia.

Feito o levantamento dos tipos de modalizadores, passamos a verificar qual deles era mais licenciado na posição inicial, e mais na posição final, com o intuito de observar se o posicionamento influencia nos usos desses advérbios. Vejamos alguns casos abaixo, e, em seguida, os resultados na tabela 2:

• *Epistêmicos:*

(16) **Evidentemente**, você pode evoluir muito sem o sofrimento. (*posição inicial*).

(17) Mas precisamos obter do grupo uma demonstração que nos convença **definitivamente**. (*posição final*).

• *Delimitadores:*

(18) Durante os três anos de atividade política, parei de escrever e, **praticamente**, parei de ler. (*posição inicial*).

(19) Isso foi possível porque a direita é muito ignorante e também por não ter se preocupado em utilizar a cultura **ideologicamente**. (*posição final*).

• *Afetivos:*

(20) **Sinceramente**, não faço ideia. (*posição inicial*).

(21) Fui um dos ‘pais da integração’ do grupo andino, que, **infelizmente**, não evoluiu tanto quanto podia. (*posição inicial*).

Tabela 2: Modalizadores em –mente em função dos posicionamentos nas sentenças

Epistêmicos		Delimitadores		Afetivos	
<i>Inicial</i>	<i>Final</i>	<i>Inicial</i>	<i>Final</i>	<i>Inicial</i>	<i>Final</i>
%	%	%	%	%	%
58,8	41,2	40	60	100	0

Quanto aos epistêmicos e aos delimitadores, verificamos um uso variável das posições, com resultados que mostram diferenças de comportamento desses dois advérbios: o epistêmico é mais recorrente na posição inicial (58,8%), enquanto o delimitador, na posição final (60%). Já o afetivo, categoricamente, ocorre em posições iniciais. Esses resultados indicam, sim, que a posição influencia nos usos desses modalizadores.

Identificadas as posições, passamos a verificar o estatuto sintático dos modalizadores: se são advérbios de constituinte ou de sentença, como ilustram os casos abaixo:

• *Epistêmicos:*

(22) **Obviamente**, não podemos mais oferecer cursos nos moldes seguidos nos tempos dos impérios. (*advérbio sentencial*).

(23) Esse patrulhamento me obriga a me definir **constantemente**. (*advérbio de constituinte*).

• *Delimitadores:*

(24) Mas sei da existência de certos grupos na universidade que, **tradicionalmente**, não vêm com bons olhos nenhuma iniciativa baseada no mérito para avaliar a produtividade. (*advérbio sentencial*).

(25) Ahmadinejad é o líder de um regime teocrático, violento e isolado **internacionalmente**. (*advérbio de constituinte*).

• *Afetivos*:

(26) Não dá para aceitar que traficantes que incendeiam ônibus e atiram em helicópteros, algo que **infelizmente** ainda se vê no Rio de Janeiro, sejam beneficiados pela progressão de regime. (*advérbio sentencial*).

Observemos os resultados:

Tabela 3: Modalizadores em *-mente* em função do estatuto sintático

Epistêmicos		Delimitadores		Afetivos	
<i>Sent.</i>	<i>Const.</i>	<i>Sent.</i>	<i>Const.</i>	<i>Sent.</i>	<i>Const.</i>
%	%	%	%	%	%
64,7	35,3	40	60	100	0

Percebemos que o advérbio epistêmico incidiu mais sobre a sentença (64,7%); já o delimitador, mais sobre o constituinte (60%). O afetivo foi categoricamente sentencial (100%). Esperávamos, inicialmente, que todos os advérbios fossem incidir preferencialmente sobre a sentença; no entanto, constatamos que o delimitador se diferencia quanto ao estatuto sintático. Mesmo sendo usado às margens da sentença, o advérbio delimitador tende a limitar mais o seu escopo. Isso também ocorre com o epistêmico, porém, numa frequência menor (35,3%):

Tendo constatado isso, passamos, então, a verificar o tipo de constituinte sintático com o qual o advérbio forma unidade na sentença e, conseqüentemente, incide o seu escopo. Na tabela 4, temos os resultados:

Tabela 4: Modalizadores em *-mente* em função do tipo de sintagma sobre o qual incide seu escopo

Epistêmicos			Delimitadores			Afetivos		
<i>Sent.</i>	<i>Verb.</i>	<i>Adj.</i>	<i>Sent.</i>	<i>Verb.</i>	<i>Adj.</i>	<i>Sent.</i>	<i>Verb.</i>	<i>Adj.</i>
%	%	%	%	%	%	%	%	%
64,7	35,3	0	40	40	20	100	0	0

Quanto ao epistêmico e ao delimitador, observamos que o seu escopo é variável. No caso do primeiro, ele incide preferencialmente sobre a sentença (64,7%); no caso do segundo, se somarmos os valores referentes a verbos e adjetivos, temos evidente que o delimitador incide preferencialmente sobre unidades menores (60%). Já, quanto ao afetivo, categoricamente incide sobre a sentença.

Do que foi observado no *corpus*, concluímos: o advérbio modalizador em *-mente* é empregado com diferentes funções semânticas, sendo o valor epistêmico o mais usado; os epistêmicos e afetivos tendem a ocorrer, preferencialmente, nas posições iniciais, o delimitador, nas posições finais; os afetivos são, categoricamente, advérbios sentencias; já os epistêmicos e delimitadores apresentam um estatuto sintático variável, ora operando sobre unidades maiores (a própria sentença), ora sobre unidades menores.

Considerações finais

Conceber o *advérbio* como um simples modificador de verbo, adjetivo e advérbio, como normalmente fazem as gramáticas tradicionais, restringe o verdadeiro potencial funcional dessa categoria. *Advérbio* não constitui uma classe homogênea, nem do ponto de vista sintático, nem do ponto de vista semântico, como nos faz pressupor a tradição. Ao contrário, trata-se de uma classe bastante heterogênea, com diferentes tipos de advérbios, que, quando acionados pelos falantes, passam a apresentar comportamentos particulares.

É o caso, por exemplo, dos advérbios terminados em *-mente*, comumente classificados, pelas gramáticas, como sendo de “modo”. Esse tipo de classificação, no entanto, é muito simplista, pois não dá conta dos valores semânticos que eles podem assumir, dadas as intenções dos falantes.

Como vimos na amostra prática, esse tipo de advérbio é usado como modalizador, um recurso linguístico que possibilita ao falante expressar alguma intervenção “na definição da validade e do valor do enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao

dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação lingüística” (NEVES, 2000, p. 244).

Portanto, quando acionado pelo falante no gênero “entrevista”, o advérbio em *-mente* pode denotar diferentes valores semânticos. Essa propriedade se torna significativa, numa descrição, quando aliada a propriedades sintáticas. Como demonstramos, há advérbios que ocorrem preferencialmente (epistêmicos) ou mesmo categoricamente (afetivos) em posições iniciais; o delimitador, por sua vez, tem preferência pela posição final. Em cada uma dessas posições periféricas, o advérbio apresenta um estatuto sintático variável, podendo incidir sobre a própria sentença (por isso, advérbio sentencial) ou sobre constituintes específicos (por isso, advérbio de constituinte). Considerar propriedades como essas numa investigação em que o foco é o “advérbio” nos possibilita compreender as reais funções (sintáticas e semânticas) que esses elementos podem assumir quando acionados pelos falantes nas diversas situações comunicativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BELLERT, I. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. In: *Linguistic Inquiry*. V. 8, nº2, 1997, p. 337-351.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: Ilari, R. (Org.). *Gramática do Português Falado: Vol. II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 213-260.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2005.
- COSTA, A.; COSTA, J. *O que é um advérbio?* Lisboa: Edições Colibri, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ILARI, R.. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado: a ordem*. Campinas: EDUNICAMP, 1990. v.1, p. 63-141.
- ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Revista Alfa*. São Paulo, 51 (1), 2007, p. 151-174.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591
Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR
ANO 9 - N.º 1

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1972.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1986.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Artigo recebido em fevereiro de 2012.

Artigo aceito em junho de 2012.